

3

Pressupostos de Leitura

Como vimos no capítulo anterior, poucos estudiosos preocuparam-se em estabelecer inicialmente os pressupostos de leitura apropriados para a tarefa de determinar qual é a interpretação platônica de Parmênides subjacente aos argumentos contra o *não ser* no *Sofista*. A falta de uma reflexão apropriada no que diz respeito ao modo correto de avaliar a influência de um filósofo sobre outro, ou mesmo de um período filosófico sobre o próximo, conduziu não poucos especialistas a equívocos. Uma exceção pode ser encontrada na obra recente e inovadora de John Palmer. Em seu estimulante livro intitulado *Plato's Reception of Parmenides*, Palmer chama atenção para um ponto fundamental que está na base de grande parte das interpretações tradicionais das relações entre Parmênides de Eléia e Platão. Segundo Palmer, as interpretações tradicionais partem de um pressuposto metodológico errôneo. Quase todas elas adotam, exteriormente, uma interpretação independente de Parmênides e então tentam determinar o uso que Platão faz de Parmênides *com referência* a esta interpretação independente (Palmer, 1999:6).

A insuficiência deste procedimento metodológico reside, entre outras coisas, na assunção de que o sentido do texto parmenídico é de tal modo claro e inequívoco para nós a ponto de podermos afirmar que Platão interpretou os fragmentos de Parmênides de modo muito semelhante aos estudiosos modernos. E isso a despeito do fato de que, ao contrário de Platão, os estudiosos modernos estão de posse de ferramentas lógicas, filológicas e históricas que, em princípio, os colocam, em relação a Platão, em uma posição privilegiada para a tarefa de interpretar textos antigos¹. Tentar compreender as relações entre Parmênides e

¹ A disponibilidade destas ferramentas convenceu Fernando Ferreira de que “hoje nos encontramos numa posição incomparavelmente superior à dos antigos para apreciar as sutilezas da questão Parmenídea” (1997:4). Cordero, por sua vez, apesar de acreditar que, com relação a Parmênides, “não podemos colocar em questão um julgamento de Platão, pois ele conhecia Parmênides melhor que nós”, sustenta logo adiante que Platão “não era um historiador da filosofia” (Cordero, 1993:292). Ou seja, a disponibilidade de ferramentas modernas de análise

Platão fundamentando-se em uma interpretação do primeiro independente da recepção efetiva nos textos do segundo dificilmente trará resultados significativos.

Trata-se, segundo Palmer, de um modelo inapropriado para compreender questões relativas ao modo como se exerce a influência intelectual, seja de um filósofo sobre o outro, como é nosso caso, seja da influência de uma corrente filosófica sobre uma posterior. O modelo é ineficaz e inapropriado porque confunde dois critérios de historiografia filosófica. Uma coisa é empenhar-se para oferecer a melhor abordagem do pensamento de um dado filósofo nos próprios termos deste filósofo, situando-o não apenas em seu contexto histórico e social, mas também no ambiente de debates filosóficos que o precede, aos quais certamente se dirigem seus argumentos. Outra coisa, completamente diferente a ponto de exigir um procedimento metodológico diferente, é fornecer uma abordagem do processo de mudança entre um filósofo e o próximo, ou entre um período filosófico e o próximo, ou ainda da influência ou das ressonâncias possíveis de um pensamento sobre o próximo.

Palmer sustenta que, como os estudiosos normalmente estão engajados em uma tarefa do primeiro tipo, qual seja, a de oferecer uma abordagem do pensamento de um filósofo específico nos próprios termos deste filósofo, eles passaram a acreditar que isto seria uma espécie de pré-condição para compreender com alguma margem de plausibilidade a influência ou ressonâncias possíveis de um filósofo sobre o próximo. Mas não há conexão necessária entre as duas tarefas. Trata-se de projetos distintos. Assim, o modelo utilizado pelas abordagens tradicionais nos conduz a aceitar que um melhor entendimento de Parmênides nos próprios termos deste nos alça a uma posição privilegiada para compreender a sua influência em autores subsequentes. Isto, por sua vez, depende da inaceitável assunção de que o que Parmênides quis dizer de algum modo se revela da mesma maneira em cada apropriação subsequente de seu poema (Palmer, 1999:9).

Temos assim o que Palmer chama de *falácia essencialista*, que consiste em privilegiar de forma por demais rígida o que seria o sentido pretendido ou intencionado por Parmênides como um fator determinante em sua influência

somada aos critérios atuais da historiografia filosófica contribuem para esta posição privilegiada.

subsequente. Devemos levar em consideração o fato de que, além do que Parmênides quis dizer em seu poema e demais proferimentos, outros fatores também exerceram influência na forma como o seu pensamento foi lido e utilizado na tradição subsequente. Faz-se necessário então considerar que fatores são estes e qual é a dimensão real de sua influência, reunindo assim novos elementos que nos conduzam a uma posição privilegiada para compreender a leitura platônica de Parmênides. Não esqueçamos, neste ponto, da observação de Mourelatos² que se tornou um de nossos lemas mais caros: no campo do estudo de textos clássicos de filosofia, buscar alternativas de interpretação em adição às que se encontram no centro das discussões é uma das únicas formas de aumentar o conteúdo empírico disponível, dando a este campo de estudo um caráter mais científico.

Palmer inicia sua proposta com alguns fatos básicos. Se tomarmos o texto de Parmênides como um ato de comunicação como outro qualquer, então ele está sujeito às várias condições das quais depende o seu sucesso e eficácia, condições estas que nem sempre são atendidas. Além disso, o conteúdo gramatical ou puramente semântico dos proferimentos de Parmênides, assim como os de quaisquer outros proferimentos, não é suficiente, por si só, para garantir a determinação inequívoca de seus sentidos. Neste caso, devemos levar em conta que os proferimentos de Parmênides, assim como dos demais pré-socráticos, não possuem especificações contextuais suficientes, sendo muitas vezes vagos e ambíguos, de modo que *mais* do que seus simples conteúdos proposicionais podem ser postulados por um dado leitor (Palmer, 1999:10). Ou seja, trata-se de proferimentos que oferecem o flanco a uma nem sempre benéfica sobre-determinação de sentidos.

Em vista desse fato, não nos parece plausível e coerente restringir as possibilidades significativas do texto parmenídico com base em argumentos puramente gramaticais que sustentam que apenas tal e tal deve ser o sentido inequívoco de certas passagens. Aceito este ponto, devemos aceitar também, de bom grado, uma espécie de *polifonia* interpretativa no que diz respeito ao texto de

² Ver Mourelatos (1979:5). Ver também a nota 6, acima.

Parmênides. Diversas interpretações, muitas delas conflitantes entre si, podem se confirmar a partir dos fragmentos. A plausibilidade de cada uma destas interpretações dependerá mais da habilidade e da erudição do especialista que se debruça sobre o texto do que de uma confirmação a partir dos próprios testemunhos de Parmênides. Este fato parece confirmar-se em vista do grande número de interpretações do poema de Parmênides, algumas delas auspiciosamente heterodoxas, surgidas nos últimos anos.

Como vimos acima, Palmer propôs que o que Parmênides quis dizer não é o único fator a ser considerado na determinação do modo como seus versos serão lidos e interpretados pela tradição subsequente. Isso ocorre por vários motivos. Por exemplo, o que um falante quer dizer ao proferir uma dada sentença e o que a sentença ela mesma significa não precisam estar intimamente relacionados. Podemos aqui, com Palmer, falar em *sentido-do-falante*, *sentido-da-sentença* e *sentido-da-audiência*. No caso da leitura que Platão faz de Parmênides, estes três sentidos podem ser completamente distintos uns dos outros. Ou seja, o que um receptor entende como o sentido de uma sentença pode não se conformar nem com seu sentido literal, nem com o que o emissor intencionou transmitir. Aliás, se acrescentarmos uma distância cronológica entre estas três esferas, a polifonia e a discrepância entre os sentidos aumentará consideravelmente. Quanto maior a distância histórica entre emissor e receptor, maior a possibilidade de que as discrepâncias entre sentido (intencionado ou literal) e interpretação aumentem.

Quatro motivos básicos contribuem para o distanciamento entre o sentido do poema de Parmênides e suas possíveis interpretações subsequentes. Em primeiro lugar, a dimensão performativa do proferimento pode ter se perdido, resultando na perda de toda informação transmitida de forma extralingüística. O que resta então é um texto que é o um registro de uma *performance* perdida³. Em

³ Os aspectos orais do poema de Parmênides são geralmente negligenciados. Ao notar uma série de ecos verbais dos poemas épicos nos versos que nos restam do poema de Parmênides, Havelock sustenta que estes ecos e demais semelhanças estilísticas “revelam suficientemente como o veículo da comunicação é tradicional”, e que a escolha deste veículo se deu em função do “valor funcional” que ele possuía naquele contexto histórico (Havelock 1996c:258). Por “veículo de comunicação tradicional” devemos entender simplesmente poesia oral. Fränkel também sustenta que as principais características da doutrina parmenídica serão negligenciados “if one fails to read the work as an epic poem which belongs to its own period, and to approach it as a historical document, through its language” (Fränkel 1970:1).

segundo lugar, as pressuposições culturais que facilitam o entendimento do falante por sua audiência podem ter se atenuado ou até mesmo se extinguido. Em terceiro lugar, a distância histórica das próprias pressuposições culturais do receptor, inacessíveis ao emissor, inevitavelmente influenciam o entendimento da mensagem. E, por fim, em quarto e último lugar, a distância histórica do interesse do receptor no texto pode residir mais no *uso* que ele pode fazer do texto do que no mero interesse de compreender o texto em si mesmo.

No caso dos dois primeiros fatores, quais sejam, a perda da dimensão performativa do proferimento e das pressuposições culturais comuns ao emissor e ao público original, temos uma perda progressiva de acesso às intenções e propósitos do autor. No caso dos dois últimos fatores, a saber, o aumento da distância histórica entre as pressuposições culturais do receptor e do autor e a consequente ênfase do receptor recair mais nos usos que ele pode fazer do texto, podemos falar em aumento do efeito dos interesses e pressuposições do receptor em detrimento dos interesses e pressuposições do emissor.

Em vista dos fatores resumidos brevemente acima, Palmer se viu diante da necessidade de buscar um modelo apropriado para a tarefa em questão. Em lugar do modelo tradicional fundado na noção de *influência*, conforme exemplificado pelos estudos mencionados no capítulo anterior, Palmer propõe um modelo alternativo, fundado na noção de *recepção*. Segundo Palmer, o conceito de influência pressupõe a falácia essencialista segundo a qual o sentido pretendido por Parmênides permanece inalterado em cada apropriação, leitura ou encontro de leitores subsequentes com o seu poema (1999:10). Palmer acredita que o modelo fundamentado no conceito de recepção oferece inegáveis vantagens⁴.

Trata-se de um procedimento simples. Diz respeito mais a certa atitude ou disposição a ser mantida durante a leitura do texto do que a um método propriamente dito. Em linhas gerais, trata-se de um procedimento que consiste em

⁴ Apesar de Palmer apresentar estes pontos como se fossem questões de senso comum e afirmar que não está “interessado em articular uma metodologia específica (e menos ainda em aplicar uma metodologia de uma escola específica ou movimento, seja filosófico, crítico-literário ou linguístico)” mas apenas em “tentar entender Parmênides como Platão o fez”, é digno de nota a completa ausência em sua obra de referências aos teóricos da Recepção, como Wolfgang Iser (1979) e sua estética do efeito e Umberto Eco. De modo geral, ambos acreditam que o sentido surge da interação do texto com o leitor.

estabelecer, a partir de uma leitura atenta dos textos em questão, as características claramente identificáveis da recepção de Platão e tentar compreender a visão de Parmênides pressupostas por estas características antes de fazer qualquer conclusão definitiva sobre a influência propriamente dita. Pensar em termos de recepção, portanto, exige uma grande atenção para o modo como Platão se apropriou ou tomou para si elementos do pensamento de Parmênides que eram conformáveis, digamos assim, aos seus próprios propósitos filosóficos.

Não podemos negar que, quando Parmênides ele mesmo veiculou o seu poema em uma *performance* pública, o conhecimento, as pressuposições culturais e crenças que ele compartilhava com sua audiência seguramente garantiram a transmissão de sentidos, digamos assim, que vão além do conteúdo semântico puro das sentenças. Situando seus versos dentro (ou em oposição) a certas tradições poéticas, filosóficas e religiosas, Parmênides tinha plenas condições de guiar o entendimento de sua audiência em direção à aceitação de pressuposições que provavelmente eram essenciais à compreensão de seu ensinamento como um todo. Pululam no texto parmenídico inúmeras indicações acerca do contexto a partir do qual Parmênides emitiu sua mensagem. O proêmio, em particular, é bastante significativo a esse respeito, pois contém inúmeras indicações simbólicas e poéticas acerca das motivações e do contexto do qual o poema emerge e ao qual ele se dirige.

No entanto, ainda que seja possível identificar e interpretar grande parte destes elementos, não podemos negar que eles eram infinitamente mais claros aos olhos da audiência original de Parmênides do que para nós ou mesmo para os contemporâneos de Platão. Um leitor historicamente distante não possui todos ou pelo menos alguns dos principais conhecimentos que Parmênides esperava que sua audiência tivesse. Além disso, as diferentes pressuposições e desconhecimentos, muitas vezes inconscientes, dos receptores tardios muitas vezes resultam em leituras que atribuem a Parmênides coisas que ele não disse. Essa divergência ou discrepância aumentará consideravelmente quando um receptor tardio ler o poema com o objetivo de utilizá-lo em um contexto de problemas já estabelecidos, como nos parece ser o caso de Platão ou mesmo de seus contemporâneos, como os sofistas, por exemplo.

Uma mesma sentença, portanto, pode expressar diferentes proposições em contextos distintos, mesmo quando é proferida pelo mesmo falante. Quando outro falante profere a sentença, ou, o que é quase a mesma coisa, quando um leitor usa ou lê o texto em um contexto histórico e cultural diferente, no qual um conjunto de assunções, muitas vezes tácitas, influencia e determina a interpretação da sentença, então há grande probabilidade de que a sentença seja tomada como se estivesse expressando uma proposição diferente da original. Assim, como quer Palmer, se o que Parmênides quis dizer com uma sentença específica é determinado pelo modo como ele utiliza tal sentença e pelo contexto no qual o faz, então, quando não for mais ele mesmo a preferi-la, muda-se o sentido (Palmer, 1999: 12).

Como vimos acima, Palmer sustenta que o que Parmênides quis dizer nem sempre exerce um papel preponderante na sua influência subsequente. Pois bem, se aceitarmos este ponto, como devemos proceder para compreender de forma significativa e acurada a influência que Parmênides exerceu sobre Platão? Ora, a resposta é simples. Se quisermos compreender a interpretação platônica de Parmênides, então devemos tentar, a partir dos textos em questão, entender Parmênides como Platão o fez. Mas isso, infelizmente, não é tão simples. Pois Platão não afirma explicitamente em lugar algum qual é a sua interpretação exata de Parmênides. Daí a dificuldade envolvida neste tipo de pesquisa, uma vez que somos obrigados a inferir a interpretação platônica de Parmênides a partir dos usos que Platão faz dos elementos parmenídeos. A esta se soma outra dificuldade. Devemos considerar a possibilidade, inteiramente plausível, de que Platão estivesse talvez mais preocupado com as apropriações ou os usos contemporâneos – leia-se, sofísticos – de Parmênides que serviam a propósitos diferentes dos seus (Palmer, 1999:13).

Em resumo, a compreensão apropriada da recepção de Parmênides por parte de Platão deve se fundamentar em uma leitura atenta das passagens nas quais elementos parmenídeos ou mesmo versos do próprio Parmênides aparecem. Esta leitura atenta deve levar em conta obviamente, sob pena de equívocos deformadores, a forma literária utilizada por Platão para veicular seu pensamento. Além disso, devemos levar a sério o fato de que Platão é um dos maiores

escritores de todos os tempos, o que exige grande sensibilidade por parte do leitor não apenas para as partes técnicas e eminentemente filosóficas dos textos, mas também para as características da forma literária na qual foram compostas. Neste ponto, julgamos apropriado incorporar às considerações deste capítulo algumas observações feitas por Stanley Rosen (1983).

Este autor devotou atenção considerável à forma literária por meio da qual Platão expôs seu pensamento. Afinal de contas, Platão não escreveu ensaios ou *papers*, mas diálogos dramáticos. Nesta perspectiva, Rosen toma cada diálogo como possuidor de uma genuína unidade dramática, isto é, como uma obra de arte literária e filosófica na qual os personagens, assim como as circunstâncias nas quais são retratados exercem um papel filosófico de extrema importância. Tudo cuidadosamente calculado de forma a exercer um papel importante. Assim, a interpretação das passagens de caráter mais técnico como filosoficamente importantes, negligenciando o contexto dramático e, com isso, a unidade literária do diálogo, dificilmente trará resultados interessantes para uma compreensão mais acurada do pensamento de Platão (Rosen, 1983:3).

Sendo assim, em vista da tarefa que ora se nos apresenta, a melhor abordagem a ser empregada consiste em tomar o diálogo em uma perspectiva dramática. Isto é, devemos sim nos esforçar ao máximo para compreender os temas técnicos e os argumentos tomados em si mesmos, mas sem negligenciar em momento algum que eles não passam de elementos de uma estrutura dramática de caráter mais amplo. Devemos tomar o diálogo, como quer Rosen, como uma produção poética ou simplesmente literária na qual são retratados personagens que dialogam uns com os outros. Ou melhor, devemos tomar o diálogo como uma forma literária por meio da qual Platão veicula o seu pensamento filosófico. A escolha desta forma se deu em virtude da própria concepção platônica de pensamento filosófico, conforme ilustra a própria fórmula platônica segundo a qual o pensamento é o diálogo da alma consigo mesma⁵.

Em vista deste caráter do texto sobre o qual nos debruçamos e das considerações apresentadas acima, qual o melhor procedimento a ser adotado?

⁵ Ver, a esse respeito, 263e3-6, passagem na qual o Estrangeiro sustenta que o pensamento é o diálogo silencioso da alma consigo mesma.

Como obter, a partir de uma leitura do texto, resultados seguros no que diz respeito ao envolvimento de Platão com Parmênides? Acreditamos que o único método apropriado consiste em uma análise atenta da passagem em questão, seguindo e examinando pacientemente os argumentos na ordem em que aparecem no texto, com atenção especial para a dinâmica da conversação entre os principais personagens. Devem ser evitadas quaisquer referências independentes aos fragmentos de Parmênides, isto é, quaisquer referências que não sejam indicadas, de modo explícito ou implícito, pelas passagens do texto platônico sob nosso escrutínio. Este talvez seja o aspecto de maior importância: evitar ao máximo pressupor uma interpretação de Parmênides independente da recepção platônica propriamente dita. As referências ao texto de Parmênides, quando for o caso, devem ser feitas de forma gradual e cuidadosa, sem perder de vista as conexões com as passagens do texto platônico. Além disso, a análise deve levar em conta também não apenas os proferimentos do interlocutor principal, o Estrangeiro de Eléia, mas também as breves mas importantes intervenções de Teeteto. Com isso, acreditamos estar de posse dos pressupostos de leitura apropriados para a tarefa a ser realizada. Nas páginas seguintes, portanto, faremos uma análise da passagem compreendida entre 236e e 241e. Ao término da análise, estaremos de posse, senão de respostas definitivas, pelo menos de elementos suficientes para o encaminhamento correto da questão.